

Doutoramentos em Coimbra: a busca pela qualificação num país fortemente inovador

A busca pelo conhecimento e capacitação profissional sempre passou por Coimbra sob a função do prestígio internacional da Universidade. O complexo de ensino atrai estudantes de todas as partes do mundo para todos os tipos de graduação. Conhecida como a cidade dos doutores, o doutoramento em Coimbra é altamente reconhecido, não somente pelo ensino de alto padrão, mas também pela experiência sociológica e de encontros antropológicos que a cidade oferece.

PATRICIA JARDIM (BRASILEIRA)

O doutoramento que propôs um encontro com o passado

É o caso do brasileiro André Feitosa, ele veio a Portugal para fazer o doutoramento no campo das artes, mais precisamente no Programa de Criação Artística da Universidade. Ele conta que, financeiramente, o valor das propinas não são

estudantil em Coimbra. “Uma coisa é a relação com a Universidade e outra coisa é a relação com a cidade. Eu encontrei uma Coimbra bonita, mágica e espiritual porque eu fui atrás dela” – completa.

O estudante conta que uma das coisas mais lindas que já viveu na cidade foi apresentar o Brasil, de norte a sul, para portugueses e também outros brasileiros, visto que o país tem dimensões continentais

“Aqui tenho começado a olhar para o tempo e pra história, a minha própria história, de uma outra forma. Tenho me sentido solicitado a buscar saber o que existia antes de todas as coisas que olho e de todos os lugares por onde passo.”

– conta Thales

dos mais acessíveis, mas que a oportunidade de estar em Coimbra, revivendo uma história, encontrando-se com o seu passado e também com a sua brasilidade não tem preço. “Encontrei-me na baixa de Coimbra a falar com as pessoas humildes que ali habitam e trabalho, como vendedoras de flores, comerciantes, entre outros profissionais e frequentadores. Ali tem muita história, muito passado e estou aqui para me conectar com a minha ancestralidade e me redescobrir durante o período de doutoramento” – afirma. O doutorando, que é oriundo do interior do Estado do Ceará, conta que a família tem origens portuguesas e por esse motivo ele escolheu viver em Coimbra e iniciar o processo de doutoramento por aqui.

“Mais do que escrever e pensar, somos instigados a criar. Aqui eu vivo a memória de Coimbra full time” – conta. Para André, o doutoramento é uma visão diferente pois,

“Mais do que escrever e pensar, somos instigados a criar. Aqui eu vivo a memória de Coimbra full time.” – afirma André

abrange uma categoria de pessoas mais velhas, na faixa dos 35 e 40 anos que estão a construir outra direção de vida

e diferentes culturas em cada canto, que passam despercebidas para pessoas de outras regiões. “Tenho uma vizinha portuguesa que ouvia a mãe cantar as músicas de um disco de vinil da cantora brasileira Zélia Barbosa, com letras sobre o sertão brasileiro. Tudo isso conecta a minha origem à Coimbra” – afirma. “Aqui eu reabri traumas de migrações,

“Tenho realizado projetos de arte pela cidade e isso tem me dado amigos, parcerias de trabalho e me colocado diante de outras pesquisas.”

– Edicleison

idas e vidas, reivindiquei meu lugar na cidade com um resgate da minha ancestralidade. Um brasileiro desenterra no chão de Coimbra aquilo que a cidade enterrou” – finaliza.

Coimbra das artes

A paixão pela arte foi o que trouxe o brasileiro Thales José Souza Luz, de 32 anos, para fazer o doutoramento em Coimbra. Natural do Estado

do Piauí, o doutorando está a desenvolver a pesquisa em arte contemporânea no colégio das artes, na Universidade de

Coimbra. “Portugal tem sido um país que tem me interessado nos últimos anos para se viver e desenvolver meus trabalhos artísticos. Tenho alguns amigos do Brasil que vivem aqui, mas a maioria entre as cidades do Porto e Lisboa” – afirma Thales.

Na cidade há 7 meses, o estudante conta que preferiu viver em Coimbra devido à qualidade do programa de doutoramento: “encontrei na

“Tive um acolhimento caloroso por parte da turma de colegas internacionais e professores que se esmeraram em trazer conferências multidisciplinares de figuras referências na área, entre aulas presenciais e online.” – afirma Juliana

Universidade de Coimbra um programa de doutoramento que considero adequado para desenvolver minhas pesquisas aqui em Portugal”. Segundo Thales, a experiência tem sido algo completamente diferente do que ele já viveu, inclusive nos mais diferentes lugares do Brasil: “Coimbra é uma cidade muito antiga e isso tem me mostrado uma outra dimensão do tempo. Relacionar-me no presente com um espaço que se constitui com elementos de coisas que aconteceram aqui há mil anos ou mais está sendo ainda um choque” – conta.

Para o doutorando, esta relação com o tempo cruzado por coisas longínquas é fortemente presente nas relações com as pessoas, contudo em um sentido bem interessante. “Aqui tenho começado a olhar para o tempo e pra história, a minha própria história, de

uma outra forma. Tenho me sentido solicitado a buscar saber o que existia antes de todas as coisas que olho e de todos os lugares por onde passo aqui. Porque sei que existia uma história e que em algum lugar essa história está contada” – finaliza.

Já o brasileiro Edicleison de Freitas Cardoso, 28 anos, nordestino e natural de Guanacés - Cascavel, Estado do Ceará, escolheu viver em Coimbra num contexto de doutoramento porque teve uma relação com a cidade em 2017 em um período de quase 4 meses para a montagem de um espetáculo de teatro. “Descobri a possibilidade de dar continuidade a vida

acadêmica e em 2019 submeti a minha candidatura”. Para o jovem, sair do Brasil nesse momento onde não só o seu corpo está em risco, mas o de inúmeras pessoas foi “resistência pelo exílio”. “Sou artista de teatro, dança, artes visuais e pobre, ou seja, uma das composições que o Brasil mais ataca nesse momento” – completa. “Me ver estudando arte contemporânea em Coimbra me impulsiona também a

perceber minha carreira acadêmica me proporcionando estabilidade e conhecimento alargado” – finaliza.

O estudante conta que o programa de doutoramento escolhido se divide em semestres de aulas, metodologia I e II e seminário I e II, os quais já cursou e depois segue na pesquisa e escrita da tese juntamente com a orientação. “Nesse momento estou no percurso de afinar na pesquisa e escrevendo o meu processo. As aulas foram muito reveladoras e ajudaram a conduzir meu objetivo” – explica Edicleison. Segundo o jovem, as metodologias analisadas e exercitadas, bem como os seminários, permitiram ter a fala de outros pesquisadores e artistas que conduziram o rumo que ele precisava trilhar nesse momento.

Para o doutorando, outra vantagem é que Coimbra oferece a “segurança física” que ele necessita nesse momento e que, embora seja uma cidade cara para os seus padrões, o jovem tem se relacionado bem na medida do possível. “Tenho realizado projetos de arte pela cidade e isso tem me dado amigos, parcerias de trabalho e me colocado diante de outras pesquisas. Acredito que tudo isso somado é o meu doutoramento em arte contemporânea, que foge as paredes do programa no colégio das artes” – completa. “Fazer o doutoramento aqui é aproveitar a oportunidade de estar em um outro território e acolher as possibilidades que ele tem a oferecer” – finaliza.

Um doutoramento pela paz

Já a brasileira, Juliana Graffunder, de 28 anos, nascida na



O brasileiro André Feitosa encontrou uma Coimbra invisível e mágica

cidade de Santa Rosa, Estado do Rio Grande do Sul, está em Coimbra há um ano e seis meses a realizar o doutoramento em Relações Internacionais - Política Internacional e Resolução de Conflitos. Ela conta que escolheu o programa pelo enfoque em estudos para a paz, algo ainda pouco explorado no Brasil. “Escolhi esse doutoramento também por fazer parte do Centro de Estudos Sociais que possui uma larga tradição nos estudos críticos e pós-coloniais” – afirma. Já a escolha pela cidade, por sua vez, pareceu-lhe assertiva, visto que Coimbra possui opções culturais combinadas com a tranquilidade do interior, “sendo também mais agitada ao longo da semana quando os estudantes marcam presença nos convívios”.

A jovem conta que sua trajetória no doutoramento está a ser marcada pela pandemia seguida do confinamento, o que tornou a experiência e integração local mais acatada. “Entretanto, tive um acolhimento caloroso por parte da turma de colegas internacionais e professores que se esmeraram em trazer conferências multidisciplinares de figuras referências na área, entre aulas presenciais e online” – explica. Para a estudante, de início, o português de Portugal, de dinâmica, sobretudo da fala, distinta do português brasileiro, e as diferenças culturais foram maiores do que ela imaginava, “mas a comida gostosa, as trocas com outros estrangeiros e alguns portugueses fizeram com que, aos poucos, fosse me sentindo mais em casa” – completa a estudante.

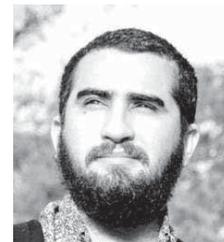
Segundo Juliana, o tempo livre também é utilizado para conhecer sítios com potencial turístico em Portugal, o que agrega ainda mais a experiência no doutoramento, além fazer uma imersão na cultura local. “Nas férias de verão, aproveitei para viajar



Juliana escolheu o doutoramento pela Paz



A paixão pela arte trouxe Thales até Coimbra



No doutoramento, Edicleison encontrou a segurança que gostava

e conhecer lugares incríveis, como as praias do Algarve. Já no receso de fim de ano, pude buscar perceber melhor da política nacional e acompanhar os debates das eleições presidenciais, atenta a temas como a integração à União Europeia e a narrativas sobre as minorias no país”. A estudante apenas lamenta não ter vivido ainda em tempos “normais” de festas populares portuguesas, como as comemorações do Dia da Liberdade e, especialmente em Coimbra, a Queima das Fitas.